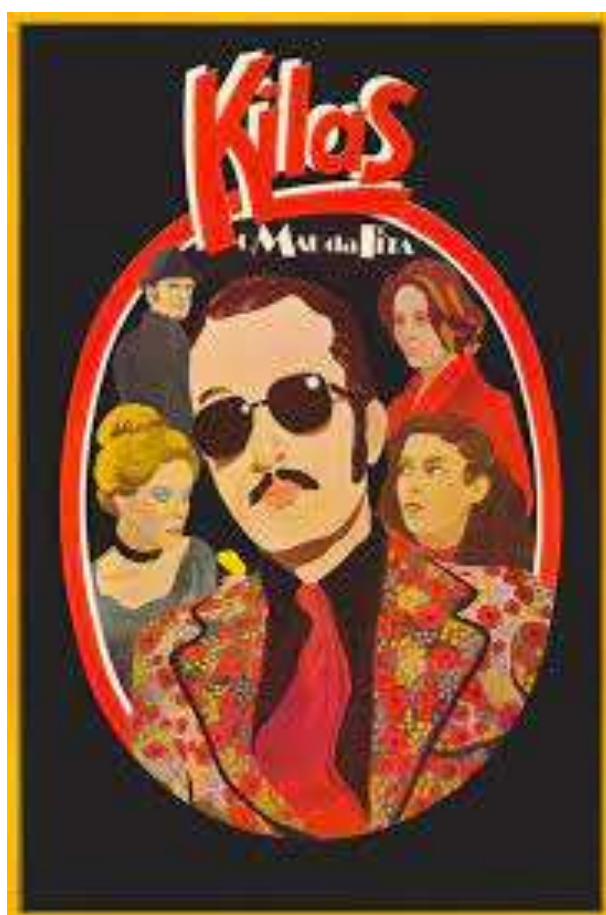




A HISTÓRIA RESUMIDA DO CINEMA PORTUGUÊS EM 22 FILMES VOLUME II

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JANEIRO, DE 2024 - 21H00



“Kilas, O Mau da Fita”, de José Fonseca e Costa (1980)

Realização: José Fonseca e Costa; Argumento: José Fonseca e Costa, Sérgio Godinho, Tabajara; Ruas Assistente de realização: Jorge Marecos Duarte; Script-girls: Júlia Buisel, Celeste Alves; Assistente geral: Tony Morgon; Assistentes: Isabel Branco, José Torres, Zita, Maria do Carmo Moser; Coreografia: Patrick Hurde; Fotografia: António Escudeiro, Mário Barroso; Cenários: Jasmim; Adereços: Nuno Feijão; Assistente de decoração: António Pinto Coelho; Figurinos: Jasmim; Assistente de guarda-roupa: Vivian Oropesa; Cabelos: Lucinda Nunes de Almeida; Música: Sérgio Godinho; Arranjos musicais: Pedro Osório; Direcção musical: Thilo Krasmann; Montagem: Manuel Tomás; Assistente de montagem: Teresa Prista; Engenheiro de som: Luís Barão; Som directo: Manuel Tomás, Carlos Pinto; Misturas: José Maria San Mateo; Direcção de produção: Manuel Marcelino; Chefe de produção: Anabela Gonçalves, Eduardo Ricou; Produção executiva: Marcílio Krieger

Com: Mário Viegas (Rui Ventura Tadeu, o Kilas), Lia Gama (Pepsi Rita), Luís Lello (Terenos), Milú (madrinha), Paula Guedes (Ana), Francisco Pestana (Lucas), Lima

Duarte (major), Natália do Vale (Lily Bóbó), Adelaide Ferreira (Palito La Reine), José Eduardo (Mapa em Relevo), Pedro Efe (Trinitá), Carlos Gonçalves (mestre Afonso), Sheila Charlesworth (americana), Vasconcelos Viana (Necas Bola Preta), João Francisco de Sousa (Fininho), Jasmim (Gli), Fernando Barradas (Fanán), Luís Barradas (Cerdan), Manuel Marcelino (Tigre), Tony Morgon (Morgon), Ricardo Ferraz (treinador de boxe), Bom-Bom, João Carlos Gorjão, Fernando Lopes, José Pedro, Maria da Purificação, Celso Sacavém, Pedro Lopes, André Luís Oliveira, Luna Alkalai, Mário Japa, Maria Arminda, João Vasco, etc

Primeira exibição pública em Portugal: 12 de Setembro de 1980 (filme de abertura do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz); Data de estreia: 27.02.1981 no Eden e Quarteto (Lisboa), Águia d'Ouro (Porto), Gil Vicente (Coimbra)

Duração: 120 minutos



Existirá um cinema português? Pela minha parte, continuo a julgar que não. Não existem nem as formas de produção, nem as condições de difusão - para não falar das opções específicas, nomeadamente estéticas - Que permitam definir e sustentar a existência de uma cinematografia nacional.

Seja como for, julgo também que a pergunta inicial tem vindo a sofrer sucessivas ramificações que, no fundo, se confundem com o seu estado de inscrição nos próprios filmes. Cada filme português deliberada ou involuntariamente, vem, pelo menos, repor essa dúvida: Não como é que um filme português? Mas como pode ser português um filme?

“Kilas” aí está, deliberadamente e - é justo reconhecê-lo - com alguma coragem enfrentando essa dúvida. Ingloriamente também. Porque não é imprudente que se interpela um público (real) tentando produzir um reflexo (imaginário) Da sua dimensão, aparentemente essencial: o ser português. Aliás, se há dilema em que grande parte dos filmes portugueses invistam a sua energia, (e quase sempre os seus equívocos) é, precisamente, essa oposição entre o que é “realmente português” e o que é “imaginariamente português”. É claro que este estado de coisas corresponde a uma crise de identidade que não incide apenas sobre os filmes. A crise - isto é os seus enunciados críticos - atravessa todo o universo cultural, formulando no limite, uma interrogação sobre as fronteiras da própria cultura. Não se trata apenas de saber o que é ser português, mas de perguntar: como sê-lo?

No mundo do cinema (e sem menosprezar a importância de vários filmes dispersos), creio que o único cineasta português a ter formulado uma resposta radical àquelas dúvidas que continua a ser Manoel de Oliveira. Na verdade, configura-se na sua obra uma resposta extrema às barreiras ontológicas que o cinema - português e não português - impõe: do ponto de vista do cinema (e já agora, também do ponto de vista da crítica) Qualquer espectador é imaginário e o trabalho do filme não é tanto reconhecê-lo como construí-lo, inventá-lo e, num certo sentido, provocá-lo.

Não é esse o caso de “Kilas”. Nem tinha de ser. Acontece, porém, que todo o filme se baseia na ideia preconcebida (que acaba por se tornar um preconceito) De que existe um imaginário claramente definido (e, sobretudo, português) Da marginalidade em geral, e de uma certa marginalidade lisboeta, em particular. Que esse imaginário não tem a consistência que o filme lhe quer atribuir, demonstra-o bem o



plano final de “Kilas”. Rita (Lia Gama), depois do desenlace trágico da sua ligação com Rui Tadeu, (Mário Viegas), algures, na cidade, sobre uma luz redentora, liberta-se das jóias e outros adereços que caracterizavam a sua figura, na perspetiva de um futuro mais puro. Trata-se de uma saída puramente moral, ou melhor moralista, de um filme que assim revela a natureza dos efeitos da marginalidade que coloca em cena: ornamentos dos personagens, tiques dos atores.

Este jogo de personagens pretende ser, sobretudo, uma galeria de tipos, tentando, dessa maneira, inspirar-se numa certa comédia portuguesa dos anos 30 e 40 (grande e empolgante tarefa para os

cinastas portugueses: como herdar um cinema, que só episodicamente se constitui como fenómeno global e coerente, isto é, como herdar a dispersão ou a realidade dos filmes em Portugal?). Ora, aquela comédia era, antes de mais, um palco cinematográfico de atores e respetivas rábulas (no sentido que o termo adquire em teatro de revista); quer queiramos, quer não, ilustra um estilo e um contexto artístico e social impossíveis de repetir. Será por isso que, apesar de tudo, Milú, parece ser a única atualizado com eficazmente o seu trabalho, a personagem que interpreta?

A precariedade deste jogo falhado de tipos (e, mais do que tudo, a fragilidade da tipologia em que se fundamentam.) “Kilas” contrapõe, como uma espécie de compensação dramática, uma intriga política, que, como todas as parábolas, sem consistência, solicita as extrapolações mais delirantes. O delírio para quem o quiser - tem sido essa, pelo menos, a liberdade equívoca de filmes como “Kilas” Têm oferecido aos espectadores portugueses. Será que para ser espectador português de filmes portugueses, é forçoso aceitar esse salve-se quem puder da significação? Não será legítimo esperar do cineasta português ou não, uma gestão coerente e humilde dos significados com que trabalha? O delírio traz um cansaço vão.

João Lopes, in *Diário de Notícias* (1981)



Filmografia de José Fonseca e Costa

“Axilas” (2016); “Os Mistérios de Lisboa ou What the Tourist Should See” (2009); “Viúva Rica Solteira Não Fica” (2006); “O Fascínio” (2003); “Cinco Dias, Cinco Noites” (1996); “Le Blocus” (curta, 1990); “Os Cornos de Cronos” (1990); “A Mulher do Próximo” (1988); “Balada da Praia dos Cães” (1986); “Jogo de Mão” (1983); “Sem Sombra de Pecado”(1982); “Música, Moçambique!” (1981); “Kilas” (1980); “Os Demónios de Alcácer-Kibir” (1976); “Miklós Jancsó” (curta, 1974); “Budapeste” (curta, 1974); “Moustaki em Portugal” (curta, 1974); “Golf in the Algarve” (curta, 1972); “Mónica ou Um Diário Algarvio” (curta, 1972); “O Recado” (1971); “Voar” (1970); “The Columbus Route” (curta, 1969); “A Cidade” (curta, 1968); “The Pearl of the Atlantic – Madeira” (curta, 1968); “Regresso à Terra do Sol” (curta, 1967); “A Metafísica dos Chocolates” (curta, 1967); “...E Era o Mar” (curta, 1966)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2024

“A História Resumida do Cinema Português em 22 Filmes – Volume II” 21H00 (entrada livre)

“Dina e Django”, de Solveig Nordlund (1981)